

A INFLUÊNCIA DA LINGUAGEM INFORMAL NA PRODUÇÃO DOS GÊNEROS ORAIS FORMAIS NA ESCOLA

Thais de Farias Souza¹
Luciana Vieira Alves Rocha²

RESUMO

O referido trabalho visa apresentar se a linguagem informal está presente nas produções orais escolares e se este tipo de linguagem afeta a produção dos gêneros orais formais, e por fim, apresentar possibilidades de como os professores podem ajudar a minimizá-los. A pesquisa é de natureza qualitativa, caracterizada como uma pesquisa documental. Nosso corpus é constituído por observações de apresentações escolares e sondagem da proposta do livro didático utilizado na escola. Para construção da pesquisa, foram tomados por embasamento os Parâmetros Curriculares Nacionais do ano de 1998, e os estudos de Bakhtin (1992), Marcuschi (2010), Schneuwly e Dolz (2004) e Bagno (2002) Após as análises, foi possível afirmar que a linguagem informal interfere de forma negativa nesta situação, pois os sujeitos, além de apresentarem gêneros orais formais de forma contrária a sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) também demonstram o não domínio da diferença de variações linguísticas de modo que não sabem identificar qual linguagem usar de acordo com o ambiente e as exigências necessárias.

Palavras-chave: Linguagem, Gênero oral, Ensino, Comunicação.

INTRODUÇÃO

Por ser um sujeito ativo na sociedade, a linguagem do indivíduo se constrói em um meio interativo, mas, seu uso deve valer-se do contexto que se está inserido, seja ele formal ou informal. Segundo Bakhtin (1992), a verdadeira substância da linguagem se dá pelo fenômeno da interação verbal realizada pela enunciação ou pelas enunciações, portanto a oralidade é de extrema importância em todos os círculos de convivência humana, desde uma conversa com amigos ou reuniões familiares, em que naturalmente é utilizado uma informalidade, até ambientes que exijam o uso da norma culta por serem formais. Essa linguagem deve ser bem trabalhada, de uma forma que o indivíduo saiba utilizá-la de acordo com as necessidades impostas, e que esses métodos utilizados

¹Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, fariasthais34@gmail.com;

²Professora Orientadora, Graduada em Letras Português pela UEPB e Especialista em Ensino de Língua Portuguesa para Educação Básica e Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG, lucianavieiracg@hotmail.com;

influenciarão nos resultados, por isso a necessidade do estudo da oralidade em sala de aula.

No âmbito escolar, essa linguagem será trabalhada a partir de construções de gêneros orais, dentre eles podemos destacar os seminários, debates, entrevistas e exposição. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) afirmam que nesse trabalho deve ocorrer um planejamento prévio da fala em função da intencionalidade do locutor, das características do receptor, das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos. Apesar de essa linguagem oral formal ser trabalhada em sala, reflexos do contexto íntimo, como as repetições de palavras e algumas expressões informais, continuam presente, então, até que ponto a linguagem informal pode atrapalhar?

Considerando todos esses aspectos apresentados, e tomando como embasamento os Parâmetros Curriculares Nacionais do ano de 1998, e os estudos de Bakhtin (1992), Marcuschi (2010), Schneuwly e Dolz (2004) e Bagno (2002) esta pesquisa documental tem como objetivo observar os livros didáticos utilizados e as produções com gêneros orais em turmas do 8º e 9º ano do ensino fundamental de uma escola Municipal da cidade Monteiro (PB) com intuito de apontar se a linguagem informal está presente nas produções orais escolares e se este tipo de linguagem afeta a produção dos gêneros orais formais, e por fim, apresentar possibilidades de como os professores podem ajudar a minimizá-los.

METODOLOGIA

Para a construção deste trabalho utilizou-se o método de pesquisa de natureza qualitativa, caracterizada como uma pesquisa documental, no qual está ligada pela busca de compreensão dos questionamentos. Nosso corpus é constituído por observações de apresentações escolares e sondagem da proposta do livro didático utilizado na escola, para fazer a relação do que é proposto ao que é ensinado em sala de aula.

1. GÊNERO ORAL COMO OBJETO DE ESTUDO

A forma que o oral deve ser ensinado em sala de aula é algo ainda bastante discutido, o fato de ser ensinado acidentalmente em atividades corriqueiras, como leituras em voz alta e discussões de trabalhos escritos, pode chegar a prejudicar os

alunos no seu desempenho oral. Apesar dessas práticas não serem incorretas o mau uso delas pode tornar o ensino restritivo, segundo Marcuschi (2010), isso acontece pelo fato de a escrita obter uma supervalorização perante a oralidade, fazendo com que o oral seja apenas um suporte ou pretexto para o ensino da escrita. Este tipo de atividade ocorre quando os alunos leem em voz alta algum tipo de texto para possíveis trabalhos escritos e depois de realizados discutem ou compartilham em voz alta seus resultados. Schneuwly e Dolz (2004) afirmam que nos falta ainda escolher, dentre uma enorme variedade de gêneros, aqueles que podem, e talvez mesmo devem, tornar-se objeto de ensino.

Porém, o que é desenvolvido na teoria para o trabalho com gêneros orais diverge dessa realidade encontrada. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) afirmam que o professor tem que ter clareza das finalidades colocadas para o ensino e dos conhecimentos que precisam ser construídos para alcançá-las.

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas. (BRASIL, 1998, p.67)

Desta forma, deve-se pensar em qual gênero oral ensinar e como ensinar, pois, cada qual tem suas características diferentes, como o grau de formalidade exigido pelo contexto de produção e circulação do gênero. Schneuwly e Dolz (2004) ressaltam que ao invés de abordar o gênero da vida privada cotidiana seria mais eficiente que os professores se concentrem no ensino dos gêneros da comunicação pública formal, como exemplo pode-se citar o debate, entrevistas jornalísticas, entrevista profissional, conferência etc., neste caso, o aluno tem que ter um controle mais consciente do que é dito. Estes gêneros pouco seriam aprendidos sem uma intervenção escolar, pois, para realização deles deve ocorrer um preparo, de qual linguagem usar, como se posicionar perante as perguntas e qual nível de formalidade eles exigem. Os autores ressaltam ainda que “para caracterizar os gêneros orais, é indispensável que se proceda uma coleta de documentos autênticos, constituindo-se um corpus” (Schneuwly e Dolz, 2004, p. 149). Quanto mais variado for o corpus, melhor se dará o estabelecimento das normas

linguísticas, ou seja, para definir o objeto de ensino é necessário que se leve em conta as capacidades de linguagem que visam construir com os alunos.

1.1 ELEMENTOS VERBAIS E NÃO VERBAIS: O PODER DA VOZ

O ensinamento inadequado do oral formal em sala de aula pode acarretar grandes problemas na execução dos gêneros, de modo que os alunos se sintam desconfortáveis na hora da comunicação. A dificuldade de se expressar em público é algo presente fora e dentro da sala de aula, esse obstáculo pode transparecer tanto nas suas expressões faciais quanto na sua fala, por exemplo, os gestos, as repetições e alongamentos de palavras. Schneuwly e Dolz (2004) ressaltam que a comunicação oral se restringe somente à utilização de meios linguísticos, mas também na utilização de sistemas semióticos não linguísticos.

O organismo pode trair o mal-estar e o medo do locutor quando este deixa escapar índices involuntários de uma emoção (aceleração do ritmo cardíaco, críspação dos músculos, sangue que aflui o rosto, estrangulamento da voz) sejam eles perceptíveis ou não, linguística e prosodicamente. O organismo pode também jogar com suas possibilidades (posição do corpo, respiração, atitude corporal) a serviço da colocação da voz e da comunicação oral. (Schneuwly e Dolz, 2004, p.133-134)

No que diz respeito a esse ponto abordado, nota-se que os recursos para comunicação vão além da decodificação do texto, o estudo do assunto do qual vai ser abordado é essencial, no sentido de que o locutor terá total domínio do assunto, evitando repetições como “ééééé”, “né”, “tá” etc. e evite também pausas longas entre uma palavra ou outra, quando se trata dos elementos não verbais o trabalho com eles, pode evitar que a plateia note o nervosismo do locutor, que ele seja capaz de encontrar uma boa entonação para o ambiente e que o mesmo sintam-se confortável durante a apresentação. Esses aspectos devem ser estudados em sala de aula, juntamente com as orientações para produção dos gêneros orais, pois, não são trabalhos distintos, mas sim, complementares no estudo do gênero.

2. IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Existe uma variada gama de posicionamentos relacionados à língua e à gramática normativa, no sentido de alguns professores não aceitarem totalmente a gramática, afirmando que é um meio didático que não valoriza a língua externa aprendida antes da escola, já outros defendem que o seu ensinamento é essencial e que o

indivíduo deve falar exatamente como a norma culta exige. No meio escolar, um dos aspectos presentes no ensino da língua é que o aluno fale de da mesma maneira como escreve. Esse acontecimento segundo Marcuschi (2010) é o que causa o surgimento das dicotomias que dividem a língua falada da língua escrita em dois blocos distintos. O autor afirma que:

No caso das dicotomias estritas, trata-se, no geral, de uma análise que se volta para o código e permanece na imanência do fato linguístico. Esta perspectiva, na sua forma mais rigorosa e restrita, tal como vista pelos gramáticos, deu origem ao prescritivismo de uma única norma linguística tida como padrão e que está representada na denominada norma culta. (MASCURCHI, 2010, p. 27.)

Levando em consideração essa afirmação de Marcuschi (2010), vale ressaltar que é essencial ensinar de acordo com a norma padrão, pois, por mais que o indivíduo chegue na escola com uma carga gramatical, o seu uso é inconsciente e o estudo do mesmo faz com que o docente tenha consciência do que é falado e adquira assim uma habilidade maior da fala, porém seria injusto descartar toda carga linguística que o indivíduo traz da sua cultura. Essa supervalorização da norma culta é um grande fator do preconceito linguístico, porém, um dos fatores principais é o não reconhecimento da enorme variedade da língua, o Brasil, por exemplo, foi um país colonizado por vários povos distintos e por consequência disto sua variação é de grande extensão, e a não aceitação faz com que os indivíduos tomem como correto apenas a sua maneira de falar, caracterizando a fala do próximo como o lugar do erro, da imperfeição e do equívoco.

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito. (Bagno, 2002, p. 51.)

O estudo sobre essas variações em sala de aula é crucial, para que os alunos reconheçam que a língua não é homogênia, que a maneira como ele fala também é correta e que o ensino dessa padronização da língua é para que ele possa saber se posicionar, quando o ambiente exigir, sem que a sociedade o exclua.

3. O LIVRO DIDÁTICO E SUAS PROPOSTAS DE GÊNEROS ORAIS

Para este estudo foi produzida uma pesquisa documental por ter sido feita uma análise do livro didático e um estudo de campo pelas observações em salas de aula nas turmas do 8º e 9º ano do ensino fundamental de uma escola Municipal da cidade de Monteiro (PB), com intuito de analisar quais gêneros orais são trabalhados em sala de aula e detectar quais aspectos do contexto íntimo são presentes na produção desses trabalhos. Na realização desta pesquisa, foram analisados os livros didáticos utilizados em cada turma, no intuito de verificar quais gêneros orais são propostos neles e as apresentações do gênero em sala de aula.

No livro didático da turma do 8º ano, são propostos os trabalhos com os gêneros entrevista, notícia, poema, relato de viagem, texto dramático, propaganda e piada. No gênero entrevista é exposto a construção de como se produz o gênero e logo em seguida é proposto que o aluno com base nas instruções do professor, apresente uma situação, um problema, os objetivos, e as perguntas que serão feitas para o entrevistado, para assim apresentarem a produção final como forma de compartilhamento com a turma. No gênero relato de viagem foi proposto que os alunos discorressem um texto sobre uma viagem feita por eles, se atentando para as marcas de tempo e espaço, para em seguida transformar a produção escrita em uma produção oral de uma forma compartilhada com os amigos. Os demais gêneros são poucos trabalhados no livro, apenas de uma forma expositiva de conteúdo se restringindo à produção escrita e não à oral, como por exemplo, a construção de um poema e a identificação de uma propaganda.

No material didático da turma do 9º ano é notória uma grande falta de gêneros a serem trabalhados, sendo exposto somente o gênero poema, nele é proposto que o aluno aprenda a estrutura do texto, saiba construir rimas, metáforas, metonímias e antíteses, para então construir seu próprio poema. Após a apresentação de quais gêneros orais são trabalhados em sala de aula pela professora, agora é necessário analisar como as produções orais são apresentadas pelos alunos, optamos, portanto em abordar na turma do 8º ano o gênero entrevista e na turma do 9º ano o gênero poema, que apesar de ser um gênero escrito a professora partiu para um trabalho também oral.

3.1 PRODUÇÕES ORAIS

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para a produção de textos orais é necessário que o aluno tenha um planejamento prévio da fala em função da intencionalidade do locutor, das características do receptor, das exigências da

situação e dos objetivos estabelecidos; além de uma seleção adequada de recursos discursivos, prosódicos e gestuais. Esses aspectos serão levados em consideração na análise das apresentações dos alunos, para assim detectarmos possíveis erros.

Na turma do 8º ano, a professora após a explicação da construção do gênero propôs que os alunos produzissem uma entrevista para ser feita à diretora da escola, ao todo quatorze alunos participaram da produção, os discentes selecionaram perguntas para serem feitas, elaboraram uma sequência de qual seriam a ordem das perguntas e reuniram-se com a diretora. Todos esses procedimentos foram feitos através da supervisão da professora. De início os alunos procuraram ler as perguntas da forma como estavam escritas na ficha, porém conforme a entrevista foi acontecendo alguns alunos passaram a não respeitar o tempo do colega e fazer perguntas aleatórias das quais eram informais, como por exemplo, perguntas sobre sua vida pessoal, dentre elas: “qual seu status de relacionamento?” e “você gosta de ficar com pessoas em festas?” além de utilizarem gírias e palavras não adequadas para o gênero e nem para o ambiente escolar.

Nesta produção nota-se que os alunos não tinham uma total consciência/controlar as devidas regras que deveriam ser seguidas numa entrevista, vale ressaltar que durante a pesquisa não foi possível ter acesso à apresentação da professora sobre o gênero, foi possível apenas o acompanhamento da produção e execução dos alunos com o trabalho, mas, em uma conversa com a professora, a mesma afirmou que trabalhou toda a construção e explicou quais regras os alunos teriam que seguir, incluindo o tempo e estilo de cada pergunta. Os alunos utilizaram gírias e expressões como: “otário”, “xereta” e “parça” para se referir ao colega de classe e “bugado”, “lacrou”, “bolado”, “berro”, “mitou” e “pisa menos” como um tipo de reação às respostas dadas pela diretora, levando em conta o ambiente, o gênero e a representatividade que a diretora tem na escola. Esses termos são inadequados, devendo ser usados somente em conversas íntimas com amigos próximos.

Na turma do 9º ano, o trabalho com o gênero poesia foi feito da seguinte forma, a professora apresentou a obra “A carteira” de Machado de Assis e em seguida solicitou que a turma reescrevesse o conto do qual ela tinha estudado com eles e o apresentasse para os colegas de forma oral sem a leitura da produção. Os alunos reescreveram e logo após foram contar a história, aspectos esses, segundo Schneuwly e Dolz (2004) são característicos da escrita oralizada por ser uma vocalização do leitor, de um texto escrito. Em uma turma de 22 alunos, apenas 08 apresentaram, o restante da turma se

recusou por não querer ficar exposto em frente aos colegas, afirmando que: “não sabia fazer aquilo”. Aos demais alunos que apresentaram foi possível notar a insegurança ao expor seu conteúdo, os mesmos apresentaram de maneira inquieta, transparecendo nervosismo de modo que alterava a entonação da sua voz, a respiração na qual ficavam ofegantes e pausavam frequentemente entre uma fala e outra; ocorreu também um elevado número de repetições e expressões como “éééééé”, “aí”, “tipo assim” e “né?” sendo uma característica de não domínio do assunto ou de um nervosismo extremo.

Neste grupo de alunos é notória a dificuldade de expressar-se perante o público, por mais que tenham sido produções de suas autorias a presença do nervosismo, de repetições ou expressões inadequadas é muito comum, outro fator que deve ser ressaltado é a situação deles negarem se apresentar, fator esse que é preocupante e pode ser desencadeado por se sentirem incapazes, pelo nervosismo, por questões de inferioridade perante os colegas, por não estarem preparados para desenvolver esse tipo de atividades, por não terem esse costume e até por ter a presença de uma pessoa diferente em sala de aula os observando. Em uma conversa informal com a professora, a mesma afirmou que essa situação não é incomum nas turmas, e quase nunca é possível trabalhar com todos os alunos, a mesma afirmou que não sabe quais são os motivos para que isso ocorra.

Após a análise dessas duas turmas e a afirmação da professora é possível identificar características da linguagem informal nas produções de gêneros orais, e que não são restritas a uma única série, são atitudes comum entre os adolescentes da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs analisar as produções orais escolares no intuito de detectar se a linguagem informal afeta a produção dos gêneros orais formais e apresentar então possíveis soluções que ajudassem os professores a minimizá-los, ao final desta análise, consideramos que diante do número de observações feitas em (duas turmas distintas, com alunos dentre 13 e 15 anos de idade) as exposições dos discentes apresentaram características informais, apesar de o ambiente e o gênero não serem adequados. A escolha das turmas se deu por motivos de idade, porque acreditávamos

que a adolescência seria o auge do diálogo, da interação face a face entre amigos, além de que os mesmos poderiam ter mais consciência da distinção entre formal e informal.

O problema da pesquisa foi estabelecido da seguinte forma: até que ponto a linguagem informal pode atrapalhar? – a questão foi esclarecida, uma vez que identificamos a atuação dos alunos na produção dos gêneros analisados. Após as análises, é possível afirmar que a linguagem informal interfere de forma negativa, pois, os sujeitos, além de apresentarem gêneros orais formais de forma contrária a sugestões dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) no qual afirmam que para a produção de textos orais é necessário que o aluno tenha um planejamento prévio da fala em função do que deseja alcançar perante o público; eles também demonstram o não domínio da diferença de variações linguísticas de modo que não sabem identificar qual linguagem usar de acordo com o ambiente e as exigências, sejam elas formais ou informais.

Acreditamos que a linguagem informal é extremamente divertida e capaz de tornar o diálogo entre professor e aluno menos tenso, pois, o aluno entenderá que a maneira como ele fala não é errado, possibilitando até mesmo um vínculo maior de confiança entre ambos. A questão a ser mencionada é como o professor deve mostrar para o aluno a maneira de como e quando ele deve usar essa linguagem, sem que sujeito/aluno se sinta excluído e incapaz, uma dessas maneiras é que o professor apresente a diferença entre a norma culta e a coloquial para o aluno, quais ambientes eles devem usar cada uma delas, e explicar de forma clara que a maneira que ele fala não é errada, porém há situações em que determinados usos são inadequados.

Com relação aos gêneros orais em sala de aula é papel do professor explicar como se dá a construção e quais exigências cabe a cada um dos gêneros, para que os alunos não se exponham mal em sala de aula ou recusem a se expressar e a produzir. Devemos ressaltar que essas não são regras a serem seguidas a fio, mas o trabalho com o gênero pede esse cuidado de se adequar a linguagem, de se estudar a finalidade e o contexto de produção do gênero, sendo assim uma necessidade, portanto, é de escolha do professor escolher a sua metodologia, de acordo com cada escola e aluno, pensando nos seus contextos, essas são possíveis ideias para evitar constrangimentos aos alunos e aumentar seu bom desempenho escolar.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico – o que é, como se faz*. 15. Ed. Loyola: São Paulo, 2002.

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 11. Ed. São Paulo: Huritec, 1992.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental; Língua Portuguesa*. Brasília, MEC/SEF, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 9. Ed. São Paulo: Cortez. 2008.

SCHNEUWLY, Bernad; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004